

Langue portugaise

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira: *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986. XXIV + 1832 p. 2ª edição revista e aumentada.

O maior êxito editorial brasileiro de todos os tempos tem sido a série de dicionários *Aurélio*: o *Novo Dicionário* (conhecido como o 'Aurelião'), publicado na 1ª edição em 1975, o *Mini-dicionário*, de 1977, e o *Médio Dicionário Aurélio*, de 1980. Do *Mini*, de 25.000 entradas, e destinado aos alunos da escola primária, venderam-se nos primeiros dez anos quatro milhões de exemplares, e do *Médio*, de quase 80.000 entradas, para os estudantes do curso secundário, à volta de 100.000. Da 1ª ed. do *Novo Dicionário* vendeu-se aproximadamente um milhão de exemplares, justificação suficiente para lançar uma segunda edição, aumentada a cerca de 150.000 entradas, 30.000 mais do que na edição de 1975.

No prefácio da 1ª ed., o *Novo Dicionário* ficou definido como um dicionário médio, até 'inframédio', designação bastante modesta, e pouco acertada, para o maior e o mais completo entre os modernos dicionários da língua portuguesa. Até à publicação, prevista para a década de 90, do *Grande Dicionário José Olympio da Língua Portuguesa* (em fase de elaboração, dirigido por Antônio Houaiss, em associação com a Academia Brasileira de Letras), o dicionário de Aurélio continuará a ser o *sine qua non* da descrição lexicográfica do português, sobretudo da variante brasileira da língua. O *Aurélio* terá, também, que preencher a importante função de dicionário normativo do Brasil (igual a um *Petit Robert* na França ou a um *Zingarelli* na Itália), função de autoridade em questões linguísticas que a sua expansão entre os consumidores lhe tem atribuído.

A configuração da macroestrutura, na 2ª ed. do *Novo Dicionário Aurélio*, é relativamente simples (e corresponde, aliás, à da 1ª ed.): os prefácios (em que são explicitados os princípios lexicográficos adoptados), o Formulário Ortográfico (seguido pelas alterações da ortografia de 1971), a Nomenclatura Gramatical Brasileira, a lista de abreviaturas, siglas e sinais, o próprio corpo do dicionário e a bibliografia dos mil autores citados em abonações. Não há propriamente instruções do uso do dicionário (além, evidentemente, das informações contidas nos prefácios e na lista de abreviaturas), assim como não há explicação das indicações de pronúncia. O problema da apresentação da morfologia verbal, Aurélio resolve-o nos artigos do dicionário, em cada caso particular (e há muitíssimos), quer se trate de irregularidades formais quer de dúvidas acerca do timbre da vogal tónica, de homografia, de homofonia, etc.

A microestrutura engloba as mais variadas informações. Depois da palavra-entrada segue-se, em casos específicos, uma transcrição (que é uma transcrição ortográfica, note-se) da pronúncia daquela parte da palavra que possa causar dúvida ou que saia das regras gerais da ortoépia. Há, p. ex., sempre indicação da qualidade do *e* e do *o* acentuados (*moça* (ô)), das vogais com acento secundário (*juazeiro* (â)), de hiato (*juizado* (u-i)), etc. A seguir à eventual transcrição fonética, informa-se, geralmente, sobre a etimologia.

Das muitas indicações de restrição de uso, merecem ser destacadas as de regionalismos, pelos problemas que estes levantam para a lexicografia da língua portuguesa. A descrição lexicográfica das variações diatópicas do português, sistematicamente elaborada, ainda está por fazer. O procedimento tradicional nos dicionários portugueses e brasileiros, para dar solução ao problema da indicação das variantes regionais (num sentido lato da palavra), tem sido o de rotular como brasileirismos aquelas palavras e expressões consideradas de uso exclusivo

no Brasil. O comum à variante brasileira e à variante lusitana fica sem etiqueta 'regional'; aquilo que seria só de uso em Portugal recebe, nos dicionários feitos no Brasil, a rótula de lusitanismo. O *Aurélio* segue este esquema. Não há dúvida, porém, de que apresenta 'brasileirismos' a mais, que rotula como 'palavra ou locução própria de brasileiro' muito material linguístico que é de uso corrente também em Portugal (p. ex. as expressões *matar o bicho* e *molhar o bico*, a locução correntíssima *assim assim*, e várias outras). Por outro lado, a prioridade que Aurélio dá à variante brasileira (princípio lexicográfico que não explicita), reflecte-se num número bastante reduzido de lusitanismos (tem, p. ex., *autocarro*, *ementa*, *pequeno almoço* e *talho*, mas deixou omitidos *casa de banho* e *mulher a dias* (= bras. *faxineira*, que também omitiu, nesta acepção), para não falar de *bica* (= *cafezinho*) e *boleia* (= *carona*). Deve ser acrescentado, a este propósito, que Aurélio exclui as variantes ortográficas próprias da norma lusitana (que também é a norma nos países africanos), de modo que dá mais do que uma forma ortográfica somente nos casos em que a(s) alternativa(s) também obedecem às regras da ortografia brasileira. Em poucos casos falta a indicação de brasileirismo: *contêiner* (*contentor* em Portugal), p. ex., e no caso de *pois não* quando tem o significado que consta do *Aurélio*.

Na parte definitória, Aurélio opta pelo método da paráfrase (que às vezes chega a ter carácter enciclopédico, cf., p. ex., o artigo *mamoeiro*, ou *mamíferos*, que ocupa dez linhas) ou pelo método de definir por sinónimos, como se pode observar no artigo *a*³, muito esclarecedor a respeito dos problemas da definição nos dicionários unilíngues. Em certos casos junta-se à definição um comentário de ordem pedagógica sobre aspectos sintácticos ou pragmáticos (cf., p. ex., *porém* (conjunção), cuja definição é de uma linha só, em forma de três sinónimos, e que apresenta um comentário de 11 linhas). As definições são, muitas vezes, esclarecidas através de exemplos do uso da palavra em contextos, nas várias acepções que se enumeram no verbete. Há exemplos construídos pelo A. e há abonações tiradas de obras de escritores portugueses e brasileiros de Século XVI até a actualidade, com cerca de 2000 mil obras.

Entre as informações de ordem sintagmática deu-se grande atenção à regência verbal. A parte definitória dos verbos organiza-se com base na regência, o que leva a uma certa repetição de acepções. Aurélio explica, no artigo *verbo*, os diferentes tipos de regência verbal, omitindo, no entanto, definição dos tipos 'bitransitivo directo', 'transitivo circunstancial' e 'transitivo directo e circunstancial'. Se o leitor procurar uma definição de 'circunstancial', será remetido a *complemento circunstancial* e, deste artigo, a *adjunto adverbial*.

A fraseologia parece, para um dicionário deste tamanho, e também em comparação com os maiores dicionários bilíngues de português (dicionários que, no número de entradas, são bem menores do que o *Novo Dicionário Aurélio*), bastante reduzida, limitada às expressões mais correntes. Há, todavia, artigos que incluem uma parte fraseológica muito voluminosa, sobretudo pelo grande número de termos técnicos (cf., p. ex., *ponto*, com mais do que quatro colunas de fraseologia).

À parte sintagmática seguem-se as informações sobre as relações paradigmáticas, as informações sobre a morfologia, sobre os possíveis homónimos (ou melhor, homógrafos), e (embora mais raro) sobre sinónimos e antónimos. No caso dos verbos, a conjugação não se apresenta, está claro, para cada verbo; remete-se para o verbete dum verbo-modelo (p. ex., para os verbos em *-ear* servem as indicações no artigo do verbo, aliás um brasileirismo, *frear*) onde se encontrarão as formas que ofereçam dificuldades.

A actualização desta segunda edição do *Aurelio* consiste, antes de mais nada, na inclusão de muitas palavras (e acepções) novas, sendo a mesma a concepção fundamental do dicionário.

rio. Uma área especialmente fértil em terminologia nova é a área de processamento de dados, da qual Aurélio tirou tanto termos vindos do inglês (*hardware, software, backup, buffer, byte, chip* e outros muitos) como os – em menor ou maior grau – “vernáculos” (*banco de dados, mas não base de dados, calculadora, computadorizar, micro- e minicomputador, unidade central de processamento* etc.). Das outras esferas da vida, Aurélio introduziu inovações lexicais nos mais variados domínios, p. ex. das ciências e da política e da economia internacional e brasileira; observa-se que a nova moeda do Brasil (o *cruzado*, de Março de 1986) também entrou, e o novo significado de *galo* de 50 cruzados (e já não de cruzeiros), mas não o significado de 100 cruzados para a palavra *perna*, que continua, na 2ª ed., como equivalente a 100 cruzeiros. Podem-se mencionar, para terminar, algumas das novidades na letra A: temos *aiatolá* (termo desconhecido, fora do Irão, em 1975), *aidético* (de *AIDS*, que também está), *alemão-ocidental* e *alemão-oriental* (palavras duma realidade já “antiga”), *alto-astral* (e *astral*, tanto como *baixo-astral*), *ambiental*, *amorzinho* (e *fazer amorzinho*, como regionalismo do Nordeste brasileiro), *anticomunismo* e *anticomunista*, *antifascismo* e *antifascista*, o artigo *antropologia* cresceu muito, devido a um longo comentário a *antropologia cultural*, e temos *apartheid*, *apartidário* e *apartidarismo*, *após-guerra*, *ateização* e *ateizar*, *auê* e a expressão já um pouca caduca, et que devia ter sido incluída na 1ª edição, *tudo azul*.

Foram introduzidas duas modificações na apresentação gráfica, além da substituição do tipo romano pelo tipo lineal. Na 1ª edição as entradas escreviam-se todas com maiúsculas iniciais; na 2ª faz-se uma distinção entre maiúsculas só para as palavras que normalmente se escrevem com maiúscula inicial, e minúsculas para todas as outras palavras. Na 2ª edição as palavras-entrada não começam ligeiramente à esquerda do alinhamento, como na 1ª, sobresaindo apenas pelo tipo diferente (negrito) dos caracteres, o que torna a consulta menos fácil – e o *Aurélio* continua a ser um dos dicionários da língua portuguesa de consulta indispensável.

Birger Lohse
Copenhaga

Littérature française

Ross Chambers: *Mélancolie et opposition. Les débuts du modernisme en France*. Corti, Paris, 1987. 243 p.

La mélancolie est, sans aucun doute, un signe des temps. Après *Soleil noir. Dépression et mélancolie* de Julia Kristeva (Gallimard, 1987), le dernier livre de Ross Chambers se propose d'explorer ce phénomène qui hante notre modernité. De part et d'autre, on constate la présence d'une même attitude réceptive à l'égard de la mélancolie, un désir de la prendre au sérieux comme une "lucidité suprême" (J. Kristeva) ou comme une "expérience de la vérité" (R. Chambers). L'optique des deux ouvrages est cependant foncièrement différente: J. Kristeva, pour sa part, étudie la mélancolie, qu'elle associe à la dépression, dans une perspective freudienne, et elle la situe "au carrefour du biologique et du symbolique". Pour Ross Chambers, en revanche, la mélancolie est moins une expérience individuelle, profondément enracinée dans la psyché de l'individu, qu'un phénomène social, dont les œuvres de Nerval, Baudelaire et Flaubert témoignent de façon exemplaire.

Toutes les formes de mélancolie ont en commun un sentiment de "manque" (p. 223),